

## AS FUXIQUEIRAS NO MERCADO DO ARTESÃO NO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS-BA: MULHERES, LINHAS E RETALHOS INSUBMISSOS AO CAPITALISMO PATRIARCAL

Laís Velloso Borges<sup>1</sup>

*Resumo:* Fuxico é uma trouxinha de tecido, originária do nordeste brasileiro colonial, quando escravas reutilizavam as roupas das senhoras. À noite, faziam trouxinhas, falando sobre as senhoras, daí o "fuxico". Suspeita-se que os processos construídos pelas artesãs, fuxiqueiras, no Mercado do Artesão alagoinhense, são atos insubmissos ao capital patriarcal. Objetiva-se mapear quem são as fuxiqueiras no espaço aludido e identificar as dobras do labor fuxiqueiro enquanto indícios de insubmissão. A metodologia será a observação *in loco* nos quiosques do Mercado e as entrevistas narrativas com as fuxiqueiras e representantes legais do nosso município. Qualitativa é a natureza da nossa pesquisa. Espera-se como resultado constatar os atos insubmissos forjados na arte fuxiqueira e concluir que a realização desta pesquisa irá referenciar às fuxiqueiras além de instigar futuras pesquisas, dada às dobras ofertadas pelo tema. Expõe-se o capítulo I que apresentará as fuxiqueiras, abordará o artesanato feminino (feminista?), relatará as experiências vividas pela pesquisadora no espaço em estudo e trará o percurso histórico do artesanato no mundo e no Brasil. O aparato teórico crítico cultural virá de Agamben (2009), dando ciência do caráter contemporâneo da pesquisa; de Moreira (2016) para referendar a ideia de luta dos subalternizados e de Singer (2017) pontuando outros modos de produção para além do capitalismo. O traço feminista, apriorístico da pesquisa, será com Hooks (2018) laborando sobre trabalho e gênero, Lugones (2010), pela decolonização de gêneros, Ribeiro (2015) analisando a

---

<sup>1</sup> Licenciada em História (UNEB), Pós-Graduada em Educação Especial e Inclusiva (Cândido Mendes), Bacharel em Direito (UNEB), Pós-Graduada em Direito Público (UNEB), Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/ UNEB, Campus II – Alagoinhas-BA), na Linha de Pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Jailma Pedreira. Endereço eletrônico: laiveloso@gmail.com.

sociedade heteropatriarcal e Pedreira (2015) apontando a necessidade da reconstrução feminina.

*Palavras-Chave:* Mulheres fuxiqueiras. Artesanato. Feminismo.

## INTRODUÇÃO

Estudos produzidos sobre as questões pertinentes ao trabalho artesanal, o rústico labor, as tramas tecidas no cotidiano não industrial e todos os nuances que norteiam o fazer artesanal são facilmente encontrados, pois muitos já se debruçaram acerca da temática, efetuaram pesquisas consideráveis e ofertaram à sociedade excelentes produções. Contudo, as mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão alagoinhense, seguem invisibilizadas, uma vez que a arte fuxiqueira tramada pelas mãos destas mulheres artesãs não foi, até o presente momento, objeto de pesquisa. As tramas e processos construídos pelas fuxiqueiras, como um signo de possível insubmissão à faceta patriarcal do capitalismo, não foi “costurado”, ainda, no “tecido” da vida acadêmica.

A relevância de realizar pesquisa desta natureza se justifica por se considerar que o artesanato persiste delegado à atividade menor, e, em sendo realizado por mulheres, desviam e desobedecem ao conceito remoto de que estas não podem deixar os espaços e afazeres domésticos para irem às ruas negociar ou empreender, tão pouco produzirem riquezas adquirindo autonomia financeira, conceitos crivados pelo capitalismo patriarcal. Assim, será possível aprofundar os conhecimentos acerca destas mulheres fuxiqueiras, alagoinhenses, que laboram com retalhos e linhas como possível forma de conquistar espaços múltiplos e, ao mesmo tempo, referenciar o artesanato fuxiqueiro como ferramenta para a desconstrução da face patriarcal do capitalismo.

Para compreender esta perspectiva faz-se necessário considerar algumas referências conceituais fundamentais sobre esse tema como fuxico, artesanato, artesanato feminino, feminismo e economia solidária, uma vez que serão abordados e problematizados ao longo do estudo.

Insta salientar que o artesanato é concebido neste trabalho como heterogêneo, complexo e diversificado. Como uma forma de expressão cultural tradicional e contemporânea. O trabalho artesanal no mundo contemporâneo está, desta forma, envolto em diversas tramas sociais. Assim o trabalho artesanal é um fenômeno social que remete tanto à tradição quanto à contemporaneidade, o que nos abraça o posto por Agamben (2009):

Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, [...]. A distância — e, ao mesmo tempo, a proximidade — que define a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente (AGAMBEN, 2009, p. 9).

Ao considerar a possibilidade de que as ideias patriarcais capitalistas consolidadas perpetuam invisibilidade e marginalizadas condições socioeconômicas impostas às mulheres, este trabalho de pesquisa levanta o seguinte questionamento: Em que medida as tramas e processos que originam o fuxico, trabalho artesanal das fuxiqueiras no Mercado do Artesão, no município de Alagoinhas (BA), constroem atos insubmissos ao capitalismo patriarcal? Suspeita-se que a prática artesanal de confeccionar fuxico, realizada pelas mulheres no Mercado do Artesão de Alagoinhas-Ba, é, em alguma medida, de natureza feminista, portanto insurgem contra o capitalismo patriarcal.

O primeiro capítulo da nossa pesquisa possui como objetivo identificar quem são as mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão no município de Alagoinhas (BA), detalhar o artesanato fuxiqueiro feminino (feminista?), relatar as experiências da pesquisadora no convívio cotidiano com as mulheres artesãs no Mercado municipal e, por fim, expor as questões embrionárias e transições históricas do artesanato.

O percurso metodológico escolhido para subsidiar o presente trabalho é a pesquisa qualitativa, uma vez que serão investigados valores, atitudes e percepções. Além de referenciais teóricos bibliográficos, será

feita uma pesquisa de campo (*in loco*), pelos instrumentos da observação direta e da entrevista a fim de constatar como se constrói toda a trama fuxiqueira, permitindo, assim, o aprofundamento da compreensão e entendimento do caso posto.

Utilizaremos a entrevista narrativa como estratégia metodológica com o fulcro de priorizar e privilegiar a fala de mulheres fuxiqueiras, que sofrem com o continuismo dos processos político\econômicos desiguais e desleais, discriminatórios e machistas do nosso país e, conseqüentemente, de nossa cidade.

Para fazer o recorte metodológico crítico cultural, do Capítulo 1, utilizar-se-á também o aporte teórico de autores como Agamben (2009), para dar ciência do caráter contemporâneo do trabalho de pesquisa; de Moreira (2016) como ferramenta para referendar a ideia de luta dos subalternizados, além de Souza (2017) para pontuar que mulheres fuxiqueiras estão apontadas pertencentes à ralé, pela elite fascista, contudo seguem insubordinadas / insubmissas ao patriarcalismo capital e de Singer (2017) pontuando outros modos de produção para além do capitalismo. Pertinente ao traço feminista, fulcro apriorístico da nossa pesquisa, trabalharemos com Hooks (2018) onde buscaremos fundamentos sobre luta de classes feminista, feminismo global, trabalho e gênero, Lugones (2010), pelo traço da decolonização de gêneros, Adichie (2014) a fim de pontuar a reflexão sobre o que é ser feminista no século XXI, Ribeiro (2015) para basilar análises sobre a sociedade heteropatriarcal eurocentrada tornando possível identificarmos as diversas vivências específicas das mulheres fuxiqueiras e Pedreira (2015) referendando a importância das narrativas próprias que consubstanciam a reconstrução das mulheres dentro dos contextos patriarcais.

Após o processo investigatório espera-se confirmar o caráter insubmisso ao patriarcado capital no trabalho artesanal das mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão no município de Alagoinhas-BA. Espera-se, ainda, instigar novos questionamentos para pesquisas futuras, dada as dobras e vieses ofertados pelo tema.

## AS FUXIQUEIRAS (NARRATIVAS DE SI)

O fuxico teria surgido nos tempos coloniais, no nordeste brasileiro, pela necessidade que as escravas tinham em reaproveitar os retalhos das roupas das Senhoras, já que na época, tecido era artefato de luxo; geralmente finos, chegavam da Europa em solo pátrio, em navios. A corte doava aos escravos as roupas velhas. As escravas cortavam os tecidos e faziam trouxinhas usando como agulha pequenos pedaços de bambu que eram afiados a faca, ou espinhos de mandacaru. Como linha elas utilizavam fibras naturais que retiravam das plantas da mata. Essas escravas se reuniam à noite na Senzala para fazerem as trouxinhas, enquanto falavam das vestes das senhoras, elogiando ou debochando delas, por isso o nome de “mexerico”, “cochicho”, conhecido posteriormente como “Fuxico”.

Desta forma, foram as escravas as primeiras mulheres fuxiqueiras que, para além, do “deboche” e da “zombaria” para com as senhoras, nas rodas de conversa, sinalizavam a insubmissão à perversa condição na qual encontravam-se, uma vez que discutiam sobre seus problemas do dia-a-dia e mantinham a ancestralidade, pois, nestas rodas, também eram transmitidos conhecimentos entre mulheres de diferentes gerações. Ainda as escravas de ganho conquistavam parca renda vendendo pequenas peças de fuxico, junto a outros objetos, pelas ruas coloniais brasileiras.

Como artesanato, o fuxico — um aproveitamento de tecidos que não tinha grande valor mercantil — passou a ser valorizado, junto com outras artes femininas tradicionais como bordado, crochet, colchas de retalhos na última década. Este tipo de artesanato se popularizou dentro do universo do *patchwork* (*mundo dos retalhos*) no início do século XX. Hoje em dia ele está presente em todas as regiões do Brasil como um artesanato de mulheres e meninas. O fuxico é feito principalmente nas cidades pequenas, pois, por ser totalmente artesanal, é no interior do país que se mantém a tradição. Em Alagoinhas, interior da Bahia, esta tradição permanece viva e é perpetuada pelas fuxiqueiras.

## QUEM FUXICA?

O historiador Franco Ferrarotti (2014), que há várias décadas faz a defesa das histórias de vida no campo das ciências sociais, critica a história tradicional; ele defende uma “historicidade não historicista”, que significa uma ruptura com a concepção conservadora de história enquanto uma sucessão temporal de acontecimentos, segundo o autor:

[...] história da cotidianidade, inventário e interpretação das práticas de vida e das tradições, não revividas como puro folclore popular, mas repensadas de maneira crítica como visões psicologicamente tranquilizadoras e, ao mesmo tempo, como constelações de valores cognitivos interligados e confirmados pela experiência da vida de cada dia (FERRAROTTI, 2014, p. 56).

Desta forma, as mulheres fuxiqueiras e as suas continuidades, protagonizarão a nossa pesquisa. Contarão as respectivas histórias, as tramas da vida que as trouxeram ao artesanato e ao Mercado Artesão de Alagoinhas-Ba, trazendo à cena as narrativas de si.

Estamos no início da nossa jornada. Ainda no momento de estudos bibliográficos que basiliam e referendam a temática. Posto isso, expomos que a pesquisa de campo (*in loco*) ainda não foi iniciada, mas, a *priori*, construiremos o perfil das entrevistadas a partir dos seguintes elementos: idade, naturalidade, raça/etnia, religião, estado civil e escolaridade.

Pretende-se conhecer as narrativas das protagonistas; saber sobre as histórias de vidas; indagar sobre os motivos que as levaram a arte fuxiqueira; investigar sobre os fatos que as trouxeram ao Mercado do Artesão; conhecer quais são as práticas do artesanato fuxiqueiro tecido pelas mesmas; observar as variadas tramas forjadas no espaço de vivências; perceber se as construções fuxiqueiras são individuais ou coletivas; diagnosticar em que medida os processos fuxiqueiros são indícios de insubmissões; avaliar de que forma as fuxiqueiras são reconhecidas, ou não, pelo público transeunte, pelas autoridades e Órgãos municipais, pelos próprios pares do convívio de cada uma (cônjuge,

filhos, etc) e por elas mesmas; analisar como forjam o fuxico, como o vendem, de que maneira o capital das vendas auxilia nas respectivas residências ou em outras necessidades; investigar sobre a jornada dupla (tripla?) entre os afazeres domésticos e os artesanais; diagnosticar em que medida o labor fuxiqueiro sugere um modo de produção solidário e humanizado (ou não) contrário a lucratividade unívoca capitalista.

Ouvir e conhecer as narrativas das fuxiqueiras é imprescindível para apurarmos em que medida as mesmas se concebem. Como aponta Jailma Moreira “a primeira dificuldade que talvez devêssemos ressaltar é de autopercepção de poder ser outra”. A autora aludida expõe que esta dificuldade “deriva da relação de forças entre o se ver e o ser visto”. (MOREIRA, 2015, p. 75).

Por fim, este é o espaço destinados às mulheres fuxiqueiras alagoanhenses, que ocupam quiosques do Mercado e que, desejosas de romper com a acomodação do lar ou empurradas por necessidades outras, decidiram assenhorar-se dos próprios tempos e partiram a produzir arte, vida e, espera-se, insubmissões.

## **O ARTESANATO FEMININO (FEMINISTA?) NO MERCADO DO ARTESÃO ALAGOINHENSE**

O artesanato, geralmente vinculado ao universo feminino, divide opiniões e gera polêmica em torno do preconceito de gênero, de trabalho, renda, subjetividades, resistência, saberes, dentre outros. Assim, a arte fuxiqueira feminina (feminista?) é o pano de fundo para problematizar a temática que envolve a proposta de investigação desta pesquisa.

Nesse contexto, destaca-se a herança que as mulheres trazem com relação aos corpos, aos trabalhos com os corpos e com os trabalhos manuais. Muitas mulheres seguem, em grande medida, a herança de suas antepassadas, buscando realizar, no tear, nas agulhas, fios, bordados, retalhos e linhas, a concretização de ideias e sonhos de um conhecimento, de uma estética e de uma vida poucas vezes analisada e observada pela

academia. Insta salientar a viabilidade ofertada pelo Pós-crítica à pesquisa acerca da temática posta.

O trabalho artesanal compõe a história do mundo das mulheres, desde um conhecimento da vida como também da violência para com as mulheres. Sobre o assunto:

Os estudos de gênero têm buscado resgatar o trabalho das mulheres, incorporando aspectos relativos às suas identidades que, historicamente, foram apartados do mundo acadêmico. Pode-se perceber o artesanato, enquanto trabalho manual, nessa perspectiva. Portanto, o trabalho artesanal compõe as trajetórias de vidas do universo das mulheres, pois se trata de um conhecimento apreendido ao longo da vida dessas pessoas (SILVA, 2012, p. 8).

Na história das famílias no Brasil, percebe-se que a socialização feminina passava pelo rigor e pela disciplina do aprendizado de “trabalhos manuais”, materializados enquanto técnicas como bordado, crochê, tricô, costura e outras, realizados nos espaços domésticos e muitas vezes atrelados ao exercício da maternidade, como tarefas para “ocupar as mulheres”. Esse processo de aprendizagem se dava muitas vezes na própria escola ou em outros espaços institucionalizados, como em igrejas. Em vista desses exemplos históricos, muitas mulheres na contemporaneidade passaram a rejeitar esses aprendizados em prol da luta por um processo de emancipação feminina.

O Banco do Nordeste (2002), em pesquisa referente, revelou que o perfil do artesanato nordestino é estratificado sexualmente, ou seja, a diferença nas práticas artesanais ocorre de forma culturalmente determinada conforme o sexo e a tipologia. Rendas e bordados, tecelagem e tecidos são executados, em sua maioria, por mulheres, enquanto trabalhos em couro e metal, madeira e cerâmica são realizados por homens. No âmbito financeiro, os rendimentos auferidos pelas mulheres são inferiores aos dos homens, enfatizando, ainda, que as tipologias exercidas predominantemente por homens possuem maior

valor agregado de comercialização e o trabalho feminino artesão prossegue desvalorizado.

Este trabalho artesanal feminino, em Alagoinhas (BA), concentra-se no Mercado do Artesão, uma construção do século XX, localizado à Praça da Bandeira, s/n e que, em 2015, sofreu reforma arquitetônica afim de possibilitar melhores quiosques aos artesãos e trabalhadores outros (barbeiros, chaveiros e fotógrafos) para demonstrarem produções artísticas e ofertarem serviços, respectivamente. Neste espaço aludido, muitas mulheres expõem os frutos de confecções individuais e/ou adquiridas de terceiros. Crocheteiras, tapeceiras, costureiras, pintoras, bordadeiras e fuxiqueiras dividem e referendam o Mercado.

Referente à articulação entre o labor artesão feminino e o feminismo, sabe-se que a sociedade patriarcal mantém um modal cristalizado que põe a mulher como a principal responsável pelos cuidados com a família e esse é um fator que limita as possibilidades de aprimoramento e dedicação às atividades laborativas da mulher. Conforme afirma Ribeiro (2018), as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. Segundo a autora supra, esta discussão se faz urgente e necessária a todos nós, haja vista “os contornos coloniais que ainda insistimos em preservar enquanto país, os quais silenciam e violentam grupos historicamente desprivilegiados, como mulheres e negros, ao passo que naturaliza uma hegemonia de poderes” (RIBEIRO, 2018, p. 32).

É necessário observar que existem pontos de vista que percebem o trabalho artesanal realizado por mulheres como atividade que aliena, pois serve como manutenção dos jogos de poder exercidos em nossa sociedade ainda tão machista, patriarcal e capitalista. Por outro lado, existe a concepção de que o artesanato autoriza, permite, liberta, gera renda, permite a explosão criativa e curativa, das dores físicas e da alma. A grande questão que se coloca, portanto, é a seguinte: em que medida a

atividade artesanal fuxiqueira pode auxiliar processos emancipatórios e insubmissos femininos? Ou, ao contrário, é uma ferramenta utilizada pela sociedade patriarcal que visa à alienação da mulher artesã alagoanhense, utilizada para mantê-la fora dos espaços produtivos formais?

Posto isso, balisada por leituras de escrita feminista de autoras anteriormente citadas, verificaremos em que medida os estudos feministas contribuem para as análises do artesanato feminino fuxiqueiro, no Mercado do Artesão, observando se existem indícios de (re)existências e (re)criações com base na insubordinação.

## **O COTIDIANO FUXIQUEIRO**

Anteriormente mencionado, a observação direta ainda não foi iniciada. Estamos “alinhavando” as questões, “costurando” as formas e construindo os caminhos epistemológicos. Este espaço está reservado aos relatos da pesquisadora que irá vivenciar o cotidiano das mulheres fuxiqueiras. Pretende-se o olhar curioso e uma escuta sensível às questões que sustentam as mulheres e o fazer fuxiqueiro.

Após ouvir as narrativas, coletar os dados correlatos, observar as tramas, analisar a forja, refletir sobre os indícios e as possibilidades dos atos insubmissos e confrontar a realidade observada com as hipóteses, expectativas e perspectivas apriorísticas, quais serão os novos conceitos trabalhados pela pesquisadora? Como serão as novas narrativas desta pessoa que analisa? Em que medida as pretensões da pesquisadora serão concretizadas? Quais aspectos serão revelados através do entrelace das fuxiqueiras com a pesquisadora? Estas e outras questões que permeiam a pesquisa, conjuntamente a tantas outras que vão surgir na trajetória, serão expostas.

## **ARTESANATO: QUESTÕES EMBRIONÁRIAS E SUAS TRANSIÇÕES HISTÓRICAS**

O artesanato é uma das atividades humanas mais antigas. Desde a Pré-História, especificadamente o neolítico, o homem manipula, com a as

mãos, a matéria-prima encontrada na natureza gerando novos objetos para satisfazer necessidades primárias. Assim, foram surgindo objetos para serem utilizados nas diversas atividades, onde as peças artesanais eram utilizadas como utensílios ou decoração (SILVA, 2016). Ao longo da história da humanidade, a sociedade passou por várias mudanças e, portanto, do mesmo modo, o artesanato.

Existem no Brasil algumas conceituações a respeito da ideia sobre o artesanato e outras formas de trabalhos que podem se aproximar da produção artesanal. Segundo informações publicadas no Diário Oficial da União, seção 110, o artesão é aquele trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Possui o domínio técnico sobre os materiais, as ferramentas e os processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

O artesanato que se encontra na sociedade contemporânea, é umas das formas de trabalho o qual pode se revelar como uma produção artesã, inserido no processo de informalidade. Constitui-se como um tipo de trabalho e mais uma forma de se conseguir a sobrevivência. Pode-se dizer que o artesanato tem se desenvolvido em meio a formas de trabalho precário e informal, medido conforme as condições históricas. Logo, faz-se pertinente o estudo das mudanças históricas pelas quais o artesanato passou.

## **O CONTEXTO EUROPEU**

Segundo Cunha (2005), na Grécia, o artesanato teve a sua importância reconhecida por meio da transmissão de habilidades e conhecimento dos demiurgos (denominação inicial dos artífices) até ser vista de modo menor, devido à desvalorização em uma sociedade de castas como aqueles que laboravam com esta atividade.

Ainda nos servindo do autor supra, inicialmente, na Idade Média, o artesanato migrou para os mosteiros, sendo muito valorizado, pois para o Clero o ócio era algo a ser banido, por representar a fonte dos vícios. Desta forma, nos mosteiros, eram ensinadas atividades liberais e mecânicas. A segunda, era transmitida geralmente pela oralidade e estava relacionada ao uso das mãos nas atividades de produção material efetivada pelos artesãos. No medievo, existiam os chamados ourives, com suas oficinas: “Organizada num sistema de guildas, a oficina proporcionava outras recompensas emocionais mais impessoais, notadamente uma posição honrosa na cidade” (SENNETT, 2009, p. 67).

Mulheres não podiam ser membros das guildas, apenas serviam para limpar e cozinhar nas casas das oficinas da cidade. Trabalho essencialmente masculino, o artesanato nas guildas medievais revelava o caráter patriarcal de uma sociedade construída sob a égide do poder clerical e povoada de temores míticos que demonizavam as mulheres. Segundo Cunha (2005), no período medieval as mulheres bordavam, costuravam, faziam renda, tricô e crochê, mas, mesmo possuindo a habilidade nesta produção, não eram admitidas nas oficinas dos artesãos ou, como exposto, nas guildas medievais.

O declínio do feudalismo, o êxodo rural e o ferver das cidades favoreceram aos artesãos viverem do seu próprio trabalho em detrimento da agricultura, possibilitando o surgimento de pequenos negócios e, posteriormente, das Corporações de Ofício que conglomeravam todos aqueles que trabalhavam na mesma atividade. É importante ressaltar que nesta época os artesãos tinham o domínio de todo o processo produtivo das peças que produziam (FERRAROTI, 2014).

Após um longo período, o modo de produção capitalista, implementado fortemente via Revolução Industrial, suplantou o trabalho manual, valorizando a produção em massa propiciada pelo maquinário. Dessa forma, não apenas o trabalho mudou, mas toda a sociedade se transformou a partir da implementação do capitalismo e da acumulação. Essa mudança criou uma ruptura entre criação e produção, ou seja, os mestres artesãos eram criadores do que eles mesmos produziam, já os

operários das fábricas foram estimulados a simplesmente executar, pois o processo da Revolução Industrial traz a divisão do trabalho, onde cada atividade do processo produtivo é exercida por uma pessoa diferente que não precisa de expertise para fazê-la (FERRAROTI, 2014).

Os artesãos enfrentaram, portanto, as mudanças tecnológicas a partir de três frentes: dos empregadores; dos trabalhadores com qualificação que tomam seus empregos e das máquinas. A sociedade industrial criou novas habilidades artesanais, que se desenvolveram com novas imagens, aliada às inovações tecnológicas. O que se percebe é que o artesanato não desapareceu, entretanto, adaptou-se aos novos contextos históricos.

## **O CONTEXTO BRASILEIRO**

No Brasil, também, os primeiros objetos feitos pelo homem eram artesanais e isso pode ser identificado no período neolítico (6.000 a.C.). Pesquisas permitiram identificar fabricação de cerâmica por etnias de tradição nordestina que viveram no sudeste do Piauí em 6.000 a.C.

A partir do século X, no Brasil, os índios foram os mais antigos artesãos, utilizando a arte da pintura, a cestaria, a cerâmica e plumária. No Brasil colonial, o artesanato encontra um contexto diferente do europeu, pois a atividade artesanal era relacionada à escravos. Nos primeiros anos de colonização foram instaladas oficinas artesanais que se espalharam por todas as comunidades urbanas e rurais, onde os artesãos tiveram ensejo de desenvolver suas habilidades.

Mas, através da Carta Régia de 30 de julho de 1766, D. José I manda destruir as oficinas de ourives e declara fora da lei a profissão. Seu exemplo foi seguido por sua sucessora no trono, D. Maria I, que perseguiu quase todas as formas artesanais do Brasil. Aos alvarás da Rainha Maria I, seguem-se o de 5 de janeiro de 1785 e o de 26 de janeiro do mesmo ano que proibiam a tecelagem caseira na colônia, abrindo exceção, apenas, para a tecelagem de panos grossos destinados a vestir escravos.

A carta régia do Príncipe Dom João, de 1º de abril de 1808, reverteu a situação, anulando os alvarás proibitivos de sua mãe e autorizando a atividade industrial caseira. D. Pedro I, na Constituição outorgada de 25 de março de 1824, aboliu as corporações de ofício no Brasil, seguindo o exemplo francês. A carta da República de 14 de fevereiro de 1891, como a de 16 de julho de 1934, omitiram-se completamente, ignorando o artesanato.

Apenas com a Constituição de Getúlio Vargas, de 10 de novembro de 1937, artigo 136, o país retomou o tema: “O trabalho manual tem direito à proteção e solitudes especiais do Estado”. As cartas que se seguiram silenciaram-se com relação ao artesanato. Nesse cenário, houve um desinteresse das pessoas em serem artesãos devido, claro, à ligação dessas atividades com as camadas sociais menores, ou seja, a ralé, descrita por Souza (2018).

Hoje, o artesanato retoma o seu papel e encontra-se normatizado. Em todas as regiões é possível encontrar artesanatos diversificados originados a partir da natureza típica do local e de técnicas específicas. Além dessa importância histórica, o artesanato abrange outros valores os quais, hoje, o tornam reconhecido, universalmente, como é o traço do artesanato feminista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Posto o descrito, é de fácil percepção que o capítulo primeiro privilegia as protagonistas da nossa pesquisa: as mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão alagoanhense. Narraremos as tramas forjadas no espaço retro e exporemos os “alinhavos” da vida artesã. Esperamos apurar os indícios e constatar atos insubmissos ao capitalismo patriarcal, ainda que incipientes ou remotos; o fundamental para esta pesquisadora é encontrar, ao menos, vestígios de insubmissão e perceber, mediante as narrativas de vida destas mulheres, que houve (e haverá) reconstruções de si próprias. Para esta percepção tornar-se global, necessário compreender o percalço histórico sobre o qual o artesanato trilhou, até desenhar sua faceta feminina/feminista.

Espera-se, após tecer por completo o primeiro capítulo, referendar a vida, arte e insubmissões das artesãs fuxiqueiras alagoanhenses.

## REFERÊNCIAS

AGANBEM, Giorgio. *O que é o Contemporâneo?* In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BANCO DO NORDESTE (Brasil). *Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste*. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata*. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: FLASCO, 2005.

FERRAROTTI, F. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal: EDUFRN, 2014.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais*. DOI: <https://doi.org/10.35520/flbc.2015.v7n13a17237> ISSN:1984-7556. Acesso em novembro de 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* São Paulo: Cia das Letras, 2018.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009

SILVA, Maria Ana da. O artesanato como ferramenta metodológica na perspectiva dos estudos de gênero: articulando pesquisa, ensino e extensão UNIVERSITÁRIA. *Revista Trama Interdisciplinar*, 7(1). 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9337>. Acesso em: mar. 2020.

SOUZA, Jessé de. *A Classe Média no Espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Estação Brasil, 2018.